



AULAS DE MÚSICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: do planejamento à realidade

Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar

Universidade do Federal do Rio Grande do Norte
nathlia99@gmail.com

RESUMO

Este trabalho possui o objetivo de discutir acerca da importância do planejamento de aula tendo em vista as contribuições significativas para o desenvolvimento do aluno seguindo a lógica da antecipação e criação. A pesquisa partiu da minha experiência dentro de uma instituição pública enquanto professora de pessoas com deficiência visual. Como metodologia, foi aplicado a pesquisa bibliográfica e observação participante dentro de um contexto específico para coletar e interpretar os dados. Como bases teórico-metodológicas, Menegolla e Sant'Anna (2014), Arruda (2015), Farias, (2011), Santos (2020), Pereira e Lima (2018), Santos e Silva (2021), Silva (2021), Leal (2005) e Louro (2012). Como conclusão, realizar o planejamento de aula não significa por si só uma boa prática pedagógica eficaz, e sim o fato de partir de princípios “como”, “para que”, “o que” e “para quem” ensinar. Focando, dessa maneira, em planejar metodologias e estratégias para o desenvolvimento do aluno.

PALAVRAS-CHAVE

plano de aula; deficiência visual; planejamento; aula de música; inclusão.

Como citar este artigo?

AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. Aulas de música para pessoas com deficiência: do planejamento à realidade. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 10., 2023, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2023. Tema: Abordagens para um pensamento inclusivo: acessibilidade com equidade na prática musical. p. 100-113. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Este trabalho busca analisar as experiências de planejamento referente às aulas de música para pessoas com deficiência visual e Síndrome de Down no contexto dos projetos de extensão da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), Programa Esperança Viva (PEV). Mais especificamente, compreender a importância do planejamento visando o desenvolvimento do estudante focando nas metodologias e estratégias utilizadas e descrever as ações que envolvem o processo de planejamento das aulas do PEV.

Dessa forma, pretendo contextualizar a temática acerca da importância do planejamento tendo em vista minha experiência dentro de uma instituição pública enquanto professora-monitora em um projeto de extensão que objetiva a musicalização de pessoas com deficiência. Será abordado a importância de planejar a aula considerando as contribuições para o desenvolvimento significativo do estudante, assim como para o amadurecimento do próprio docente, pois ele saberá de maneira mais precisa os objetivos, procedimentos metodológicos, métodos de avaliação, entre outras especificidades que usará em sala de aula.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista do procedimento técnico, o estudo caracteriza-se como um relato de experiência com objetivo descritivo. Possui abordagem qualitativa, de acordo (GIL, 2002, p. 133; PRODANOV, 2013), tal abordagem consiste em estudar e discutir os dados obtidos no contexto em que estão inseridos. Focando, dessa forma, na essência, compreensão, descrição e geração de hipóteses e não possuindo como foco a quantidade e o pesquisador com uma certa distância.

Os instrumentos de coleta de dados para a realização deste trabalho foram a revisão bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 45), possui vantagem pois “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, com o intuito de analisar o que já foi abordado sobre a temática e as lacunas existentes (PRODANOV, 2023, p. 78). Além disso, a observação participante, consistindo na participação da situação enquanto membro do grupo (PRODANOV, 2023, p. 104), realizada junto ao contexto

enquanto professora-monitora do PEV, local em que os dados foram coletados e interpretados

3 O PROGRAMA ESPERANÇA VIVA

Na EMUFRN, o SEMBRAIN (Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão) é o setor que articula pesquisa, ensino e extensão na área da inclusão para pessoas com deficiência (SEMBRAIN, 2023). Além de fornecer apoio aos professores e servidores da EMUFRN, o setor é o responsável pela adaptação e produção de materiais acessíveis para a inserção no Repositório de Informação Acessível da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A saber, tais serviços dizem respeito às partituras em braille, PDF acessível, texto ampliado, descrição de imagens e outros, para os estudantes dos cursos Técnicos, Licenciatura e Bacharelado em Música da EMUFRN que possuem deficiência visual.

Dessa forma, o PEV faz parte dos projetos de extensão que o SEMBRAIN oferece à comunidade externa e interna da UFRN. As inscrições são abertas para pessoas com deficiência visual, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Síndrome de Down (SD). Cada projeto possui objetivos muito claros para as aulas respeitando-se as especificidades do público-alvo e faixa etária dos alunos. Todos os cursos, em suas vertentes, visam a musicalização do indivíduo enquanto ser humano dotado de potencialidades e capacidades, desta feita, não é necessário que o estudante tenha conhecimento prévio acerca de teoria musical ou já ser musicalizado. Para isso, existem turmas para iniciantes cujo foco do ensino envolve as vivências musicais dos alunos, o uso do corpo e movimento de maneira apropriada e adaptada para cada necessidade específica.

A participação nesses projetos é uma oportunidade ímpar para os alunos da Licenciatura em Música obterem um vasto arcabouço de conhecimento na área de Música e Educação Especial e Inclusiva, pois auxilia na formação de docentes para desenvolverem atividades de ensino para pessoas com deficiência (FONSECA; SILVA, 2016, p. 5). A graduação em Licenciatura, apesar de fornecer boa base teórica aos estudantes, não contempla a prática educativa de modo a preparar, de fato, os egressos para a sala de aula e, menos ainda, para uma turma que contém pessoas com deficiências. Ademais, é válido ressaltar que essa experiência prática

fornece vivências reais no ensino da música para pessoas com deficiência, trazendo para a realidade uma bagagem de conhecimento e técnica que dificilmente seria possível apenas teorizando (AGUIAR, 2022, p. 16).

É notório o avanço do movimento de inclusão dentro da EMUFRN a partir desses projetos, uma vez que possibilitou alguns alunos matriculados a ingressarem nos cursos superiores e técnicos na EMUFRN e no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). As mudanças significativas que podem ser percebidas com a participação nos projetos não são restritas somente aos monitores que deles fazem parte, mas, sobretudo, aos estudantes. A prova disso reside no fato de que o nome do projeto "Esperança Viva" foi dado por discentes que justificaram essa escolha por terem encontrado muita esperança morta no mundo em diversos momentos da vida, mas, os projetos haviam mudado essa visão de morte abrindo portas de novos horizontes fornecendo, inclusive, todo o suporte para a conclusão dos estudos no Ensino Fundamental e Médio, além de nutrir interesse e abrir portas para o Ensino Superior.

4 DO PLANEJAMENTO À REALIDADE

É comum pensar que no processo de ministrar aulas para pessoas com deficiência, é necessário que sejam elaborados planos de aula distintos dos que são aplicados em turmas regulares de pessoas sem deficiência. Em alguns casos, por exemplo, pode até acontecer de o docente não saber como se portar na sala sem ter um vocabulário que não seja capacitista por falta de conhecimento quanto às deficiências e de preparo pedagógico. Contudo, o educador inclusivo se prepara e busca a formação continuada para permanecer exercendo a profissão, planeja suas aulas pensando na acessibilidade e nas adaptações necessárias para que as atividades possam ser realizadas por todos os alunos sem distinção.

Desse modo, o educando com deficiência tem chances significativas para se desenvolver como os demais estudantes sem deficiência. Para fins de discussão e embasamento teórico, buscou-se a fundamentação acerca do planejamento como uma organização de ações da aula.

Planejar é estabelecer caminhos que possam nortear a execução das ações pedagógicas, é refletir, ser flexível, ter intencionalidade, um olhar atento [à]

realidade. O planejamento é um instrumento orientador, e ao planejar precisamos buscar registros, avaliações e reflexões feitas durante a realização do planejamento, para no próximo buscar-se o novo e sanear as curiosidades e dificuldades apresentadas. Nesse sentido, o planejamento segue uma lógica de antecipação, mas também de criação (PEREIRA; LIMA, 2018, p. 135).

Para Leal (2005, p. 1), "o planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação", em sua pesquisa, a autora deixa claro que o planejamento é uma ação de previsão, escolha e organização pautada na reflexão da prática educativa dos objetivos, conteúdo, procedimentos metodológicos e avaliação do estudante e docente, ocorrendo antes, durante e depois do ensino (IBIDEM, 2005, p. 2). Dessa forma, antecipando-se e sendo mais eficaz na ação pedagógica, como também refletindo acerca da prática educativa.

Planejar o processo educativo significa libertar e não limitar. Significa um percurso de conhecimento do novo de maneira autônoma e com lucidez (MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2014, p. 22-23).

Como então incluir um aluno com deficiência na aula de música partindo do planejamento? Ao seguir a lógica de antecipação e criação, é preciso conhecer o estudante, o contexto no qual está inserido, os conhecimentos prévios e potencialidades e, principalmente, as especificidades da deficiência em questão para que o planejamento esteja alinhado à realidade. Contudo, apesar de toda a preparação realizada para a elaboração de um planejamento eficaz, não há garantia de que a aula ocorrerá exatamente conforme previsto, podendo, inclusive, tomar direções totalmente opostas, sendo necessário improvisar.

Silva, Boch, Beche e Goedert (2013, p. 9) destacam a relevância de considerar a "diversidade do processo de aprendizagem" ao planejar um ensino inclusivo para todos. Isso ocorre porque, se não respeitarmos a maneira única de aprendizado de cada estudante, podemos promover um ensino tradicional, padronizado e segregador. Nesse contexto, os alunos com deficiência podem ter seu processo de aprendizagem prejudicado pela falta de igualdade de oportunidades. Para evitar essa situação, "é necessário que o professor tenha ao menos um breve conhecimento acerca dos limites e capacidades de seus alunos" (SANTOS; SILVA, 2021, p. 63).

Compreender alguns aspectos sobre os alunos, tais como interesses, habilidades, expectativas, contexto social e cultural, vivências, comportamentos individuais e sociais proporcionam um leque maior de possibilidades para planejar algo real e objetivo a partir do estudante e para o estudante. O foco não deve ser a disciplina, e sim o aluno, exercendo influências significativas no aprendizado (MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2014, p. 72-73). Segundo Louro (2012, p. 43), o conhecimento minucioso do educando é um dos principais requisitos para ser um bom professor e alcançar bons resultados. A autora ainda discute que, na realidade, não existe um guia a ser seguido na sala de aula quando se trata dos desafios da ação pedagógica, porém há caminhos em que o docente se prepara de maneira antecipada a fim de alcançar bons resultados.

Portanto, o planejamento é uma ação que fornece segurança e um norte ao profissional no ensino. É importante ter em mente que antecipar adaptações de momentos, atividades e resoluções para dificuldades é o melhor caminho para que uma aula esteja coerente com o desenvolvimento do aluno. Determinados momentos e atividades deverão implicar em certas adaptações e até mesmo pensar em planos reserva com o intuito de obter uma melhor participação e inclusão do educando em sala de aula.

Um planejamento bem elaborado é a mediação entre a teoria e a prática pedagógica, visando como o conhecimento será trabalhado e o perfil para quem vai ser trabalhado, considerando a elaboração de estratégias e o processo de aprendizado do educando. (SANTOS, 2020, p. 4-5). Dessa forma, realizar um planejamento, quer seja projeto de ensino ou plano de aula, apenas para ter um material que deverá ser entregue aos superiores da escola, por exemplo, sem focar no discente e em como desenvolver a aula da melhor maneira não condiz com uma ação pedagógica eficaz. Conforme esclarecem Menegolla e Sant'Anna (2014, p. 9), a dificuldade de planejar está enraizada no fato de que não há objetivos claros e definidos com relação à importância do ato. Resultando numa exigência burocrática com planejamentos sem nenhuma funcionalidade na sala de aula.

Alinhando-se ainda com Santos (2020, p. 1), torna-se válido refletir no que se refere a realidade de que a prática de planejar está sendo deixada em segundo plano pelos professores. Muitos que já estão em sala de aula, sob a justificativa de já terem anos de experiência em sala, sequer planejam ou refletem sobre alguma provável estratégia que poderá ser utilizada na aula do dia enquanto fazem o trajeto

até a escola. O autor discute o planejamento como um objeto importante para o processo de ensino-aprendizagem e da ação pedagógica, uma vez “que ter um norte, um plano de ação, um objetivo a ser consolidado, pode contribuir de forma significativa para uma aprendizagem de qualidade” (IBIDEM, p. 2).

5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para a autora SILVA (2021, p. 3), a prática pedagógica diz respeito à junção da teoria e prática no ensino-aprendizado na ação pedagógica e é necessário tomar consciência de todo o processo educativo e das ferramentas que os professores utilizarão para que ela ocorra. A autora ainda discute que cada professor possui uma trajetória distinta que interfere na maneira que ele entende e conduz tais práticas pedagógicas em sala de aula. Tendo isso em vista e levando em consideração que Processo-Pessoa-Contexto é indissociável, uma mesma vivência é capaz de provocar diferentes tipos de processos na ação pedagógica, assim como tomadas de escolhas nas práticas e ferramentas.

O primeiro contexto que vivenciei realizando planejamento ocorreu no PEV, no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Música. Ainda no primeiro semestre do curso tive contato com disciplinas que discutiam a importância do planejamento, porém, apenas nas aulas do PEV pude trazer a teoria para a prática e obter uma vivência real logo no início da Graduação. Assim, todo o processo vivenciado por mim teve como base a experiência adquirida nesse contexto em específico.

O relato discutido neste trabalho diz respeito aos momentos de planejamentos das aulas e posterior reflexão das atividades ministradas no PEV, mais especificamente, no Projeto Esperança Viva, focado nas aulas de flauta doce para pessoas com deficiência visual, e no projeto Musicalização UP, voltado para a musicalização de crianças, jovens e adultos com SD.

As reuniões de planejamento ocorriam semanalmente com a equipe de coordenadores e monitores de cada projeto. Nesses momentos, objetivava-se realizar um apanhado de como foram as aulas da semana e planejar o próximo encontro tendo em consideração as dificuldades e o desenvolvimento dos estudantes. Era um momento bastante proveitoso, pois podíamos compartilhar as

dificuldades e assim conseguir pensar em soluções de maneira mais ágil entre a equipe.

As reuniões faziam-se primordiais, dado que discutíamos quanto às dificuldades, pensando como superá-las e auxiliar da melhor maneira os discentes. Além disso, nessas ocasiões ainda refletíamos sobre o desenvolvimento dos alunos e se os objetivos das aulas foram alcançados com êxito ou não. É importante salientar que o planejamento em conjunto é bastante construtivo, para Pacheco (2007, p. 38-39), o trabalho em equipe é de grande importância, torna-se mais fácil atender as necessidades dos discentes adotando diversas estratégias quando o corpo docente trabalha em conjunto.

5.1 Práticas Pedagógicas

Chama-se PEV o programa “guarda-chuva” que abarca todos os cursos do SEMBRAIN, “Projeto Esperança Viva” remete ao projeto que trabalha com pessoas com deficiência visual.

Até o momento, no Projeto Esperança Viva temos apenas estudantes adultos com deficiência visual, não há turma para crianças devido a falta de procura e os estudantes são divididos de acordo com o Plano de Curso elaborado para cada disciplina.

Tabela 1 - Divisão das turmas do Projeto Esperança Viva

Turma	Quantidade
Vivência musical	Única
Teoria e Musicografia Braille	Única
Flauta doce	A, B e C

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

No Plano de Curso, é estruturado todo o conteúdo a ser ministrado no ano, tipo de avaliações e referências, a partir daí organizamos os assuntos de cada aula e dividimos os monitores entre as turmas de acordo com a quantidade de alunos e experiência prévia do monitor.

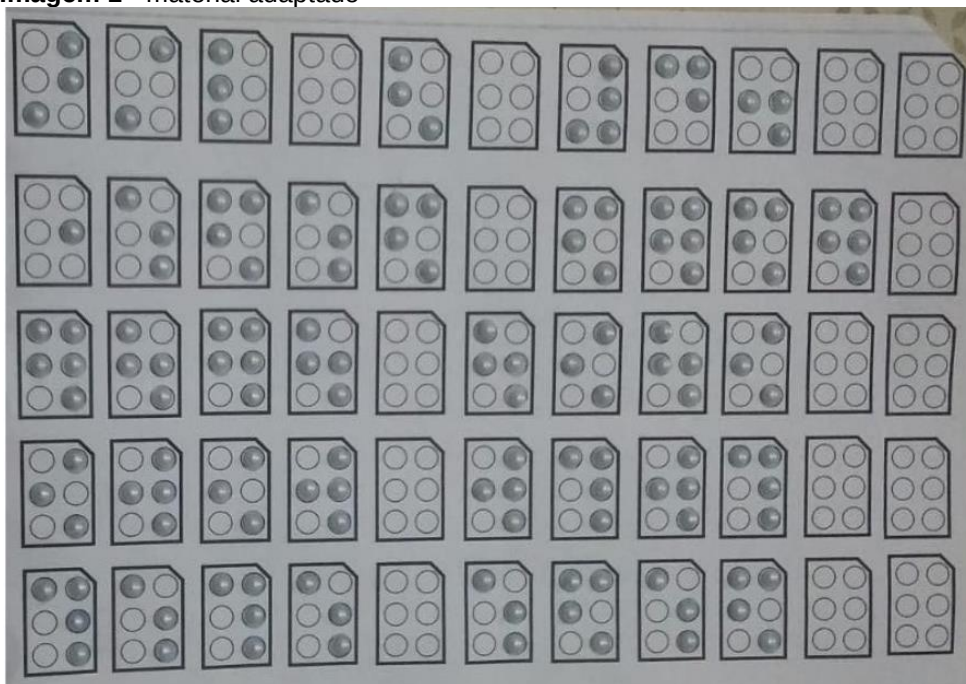
Pensando então nas características dos discentes que é um público que em

sua maioria perdeu a visão depois de adulto, é indispensável levar em consideração que alguns podem se recusar a aceitar a deficiência devido a conceitos já pré-estabelecidos e aos diversos contextos de exclusão que, infelizmente, já passaram. Dessa maneira, em primeiro lugar, para planejar, é significativo que leve em consideração o perfil de cada estudante.

É importante salientar que os exercícios e estratégias não eram pensados e pesquisados tendo como foco, por exemplo “estratégias para resolução de vícios posturais na flauta doce para pessoas com deficiência visual”, mas sim nos exercícios e estratégias propriamente ditos que podem ou não serem utilizados em outros contextos com pessoas que enxergam. A adaptação utilizada baseava-se em descrever detalhadamente o que estava sendo feito e, quando necessário, pedir para o aluno encostar nos braços do professor para sentir como que deveria ser a postura correta, uma vez que o aluno não poderia enxergar o professor e se autocorrigir.

No projeto trabalhando com pessoas cegas, pensamos em soluções para educandos com dificuldade para ler Braille devido à falta de sensibilidade nos dedos, exercícios para melhorar a técnica e auxiliar na resolução de vícios posturais na flauta doce, estratégias para a conceitualização e experimentação dos parâmetros sonoros e determinadas células rítmicas. As aulas eram planejadas visando o desenvolvimento dos alunos e desde o princípio pensando nas potencialidades de cada um e nas adaptações que seriam realizadas, caso necessário.

Imagem 1 - material adaptado



Fonte: AGUIAR, 2020, p. 99.

[Descrição da imagem]: fotografia horizontal de uma folha de ofício A4 com células braille adaptadas, dispostas em cinco linhas e onze colunas. Cada ponto em relevo está representado por *strass*. O material consiste em um exercício em grau conjunto para flauta doce. [Fim da descrição]

5.2 Musicalização UP

O Musicalização UP, projeto que visa a musicalização de pessoas com SD, há duas turmas, a primeira para crianças e a segunda para adolescentes e adultos. Cada turma possui uma hora de aula por semana e a quantidade de alunos varia de acordo com a demanda de procura, mas sem ultrapassar a quantidade de 20 alunos em cada sala. É focado também nas vivências dos parâmetros sonoros de maneira lúdica e no ensino da célula rítmica do Baião. Da mesma forma que o projeto citado anteriormente, não pensávamos em “atividades para desenvolver o ritmo de pessoas com SD”, mas sim em atividades intencionais com o intuito de alcançar, de maneira lúdica, o objetivo da aula e que estivesse no nível dos alunos.

Nesse contexto, há algumas dificuldades como o comprometimento no desenvolvimento neurológico devido ao atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, prejudicando a linguagem, as trocas sociais, dificuldade de atenção e memória (FREIRE, DUARTE; HAZIN, 2012, p. 356). Para que esse desenvolvimento tenha resultados melhores, é necessário, além do apoio familiar, estímulos sensoriais, sociais e educacionais (BARBIERI; CARVALHO; AMANCIO,

2020, p. 36).

Considerando isso, como as aulas são de musicalização, durante o planejamento traçamos o objetivo principal sendo musical, podendo ser desenvolver/vivenciar/diferenciar determinados parâmetros sonoros. Em segundo lugar, pensamos nos fatores extras musicais que agregam valor na prática, como auxílio no desenvolvimento da linguagem e coordenação motora, por exemplo, dentre tantos outros que a linguagem musical auxilia no aprimoramento.

Tendo em mente o objetivo principal, pensávamos no repertório, em como desenvolvê-lo e nas adaptações, caso necessário. É válido salientar que dar aula para pessoas com deficiência não significa necessariamente que haverá adaptações sempre.

6 CONCLUSÃO

No contexto observado e vivenciado, o fato de ter estudantes com deficiência visual ou SD na sala de aula não significou mudar o planejamento por inteiro, pois estruturou-se o plano de ensino desde o princípio tendo como objetivo as especificidades destes alunos. Seguindo uma linha de raciocínio com a organização do encadeamento dos conteúdos, o desenvolvimento dos discentes tornou-se mais notório e a aula mais organizada.

Certamente, em determinados momentos o plano da aula não ocorria como planejado, porém estratégias eram combinadas previamente entre a equipe sobre como proceder em tais ocasiões. Evitou-se tal situação, muitas vezes, pensando em “plano b” para caso algo não desse certo ou se a turma não conseguisse seguir a linha de raciocínio prevista. Além disso, como já salientado, conhecer a classe, sabendo as dificuldades e potenciais é um dos pontos fundamentais para se obter sucesso não apenas em conseguir concretizar o planejamento, mas sim em notar um desenvolvimento no educando em relação ao conteúdo.

Fazer uma aula ter sentido e significado para o aluno é imprescindível para que haja uma construção efetiva de conhecimento. Pode-se acreditar que estabelecer um plano de aula não significa por si só uma prática pedagógica eficaz e que são necessárias novas pesquisas de estratégias de aprendizagens [...] que potencializam a aprendizagem dos educandos (ARRUDA, 2015, p. 261). No entanto,

no contexto da experiência relatada neste trabalho, o procedimento do planejamento não entra em conflito com essa procura por novas estratégias, uma vez que o docente necessita constantemente pesquisar novas estratégias de aprendizado e estar em capacitação contínua para lidar com os novos desafios que permeiam a sala de aula. A prática aqui relatada fortalece o pensamento de que “a tarefa de planejar a ação docente envolve refletir em relação ao ‘o que’, ‘para que’, ‘como’ ensinar e acerca dos resultados das ações empreendidas” (FARIAS *et al.*, p. 118).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. Adaptação de materiais para alunos com deficiência visual e pouca sensibilidade nos dedos. **Anais do Encontro sobre Música e Inclusão**, [S. l.], p. 96–100, 2021. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi/article/view/51>. Acesso em: 16 out. 2023.

AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. **As contribuições das metodologias ativas para o ensino de flauta doce para pessoas com deficiência visual**: um recorte a partir da perspectiva dos professores do Projeto Esperança Viva. Orientadora: Nathália Domingos. 2022. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música), Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49966>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ARRUDA, Heloisa Paes de Barros. Planejamento e plano de aula na educação: histórico e a prática de dois professores. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 241-265, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/4269>. Acesso em: 08 jun. 2022.

BARBIERI, Gustavo Henrique; CARVALHO, Lidiani Fabiano Pasini; AMANCIO, Priscila Maria Thomaz de Godoy. O desenvolvimento motor em crianças com síndrome de down e a influência da família para seu aprendizado. In: **Revista Psicologia & Saberes**, [S.l.], v. 9, n. 16, p. 31-37, 2020. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1164>. Acesso em: 16 out. 2023.

FARIAS, Isabel Maria Sabino *et al.* **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3 ed. Brasília: Liber, 2011, p. 107-136.

FONSECA, Maurício Eslabão da; SILVA, Raiane Silmara Nascimento. Contribuição do projeto Esperança Viva para a formação de docentes e alunos com deficiência. In: **XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM**, v. 2, 2016, Teresina. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v2/papers/1995/public/1995-6923-1-PB.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

FREIRE, Rosália Carmen de Lima; DUARTE, Nietsnie de Souza; HAZIN, Izabel. Fenótipo neuropsicológico de crianças com síndrome de Down. In: **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 354-372. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2012v18n3p354>. Acesso em: 16 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEAL, Regina Barros. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 3, p. 1-7. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2705>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?**: currículo, área, aula. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PEREIRA, Débora Pinheiro; LIMA, Graziela Escandiel. Reflexões acerca das rotinas na educação infantil: experiências no PIBID. **Revista brasileira de iniciação científica**, Itapetininga, v. 5, n. 6, p. 133-144, 2018. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1344/1044>. Acesso em: 12 maio 2022.

PACHECO, José, *et al.* **Caminhos para a inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007. 232p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zUDsAQAAQBAJ&lpg=PA13&ots=dc11ggwaDM&dq=info%3A0x5-9P1eCQ8J%3AScholar.google.com&lr&pg=PA1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SANTOS, Alison dos; SILVA, Helena Fagundes da. Práticas musicais inclusivas no Projeto Musicalização UP: um relato de experiência. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 8., 2021, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2021. Tema: Como anda a Inclusão? Pessoas com necessidades educacionais específicas nos contextos não presenciais de Ensino. p. 60 – 75. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/index.php/1863-2/>

SANTOS, Emerson Mayk Cristiano dos. A importância do planejamento para uma ação pedagógica eficaz no contexto escolar. In: Congresso Nacional de Educação, 7., 2020, **Anais eletrônicos** [...]. Maceió/AL: Realize Editora, 2020. Tema: Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67712>. Acesso em 13 maio 2022.

SEMBRAIN. **Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão**, 2023. O SEMBRAIN. Disponível em: <https://semain.musica.ufrn.br/index.php/o-semain/>. Acesso em: 16 out. 2023.

SILVA, Patricia Amorim da. Prática pedagógica dos docentes. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, s.l, v. 6, 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes>. Acesso em 08 jun. 2022.

SILVA, S. C. da; BOCK, G. L. K.; BECHE, R. C. E.; GOEDERT, L. Ambiente virtual de aprendizagem Moodle: acessibilidade nos processos de aprendizagem na educação a distância/CEAD/UDESC. In: ESUD 2013 – X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 2013, Belém, PA. **Anais** [...]. Belém, PA: Unirede, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2672556-Ambiente-virtual-de-aprendizagem-moodle-acessibilidade-nos-processos-de-aprendizagem-na-educacao-a-distancia-cead-udesc.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.